



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-11 – Informação & Saúde

**O SUICÍDIO E SUAS IMPLICAÇÕES: DA CONSTRUÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS À
IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO EM SAÚDE**

***THE SUICIDE AND ITS IMPLICATIONS: FROM CONSTRUCTION OF FAKE NEWS TO THE
IMPORTANCE OF HEALTH PREVENTION***

Mary Elizabeth Sampaio de Oliveira Farias – Universidade Estadual Paulista (Marília)
Tamara de Souza Brandão Guaraldo – Universidade Estadual Paulista (Marília)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Esse artigo apresenta por meio de pesquisa exploratória, abordagens sobre o tema suicídio a partir de um ponto de vista informacional com uso de pesquisa bibliográfica. O objetivo é discutir as abordagens sobre o suicídio, assim como apontar as implicações da construção de informações falsas e o sensacionalismo referentes a notícias sobre o suicídio, mostrando a importância de se abordar o tema com ênfase na prevenção em saúde.

Palavras-Chave: Suicídio; Pós-verdade; Informação em Saúde.

Abstract: This article presents, through exploratory research, approaches on the subject of suicide from an informational point of view using bibliographic research. The objective is to discuss the suicide approaches, as well as to point out the implications of the construction of false information and the sensationalism regarding suicide news, showing the importance of approaching the subject with emphasis on health prevention.

Keywords: Suicide; Post-truth; Health Information.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Cancian (2018), o Brasil registrou 11.433 mortes por suicídio em 2016, o equivalente a 31 casos por dia. Os dados, que representam um aumento de 2,3% em relação ao ano anterior, fazem parte do novo boletim epidemiológico do Ministério da Saúde.

O suicídio é um assunto delicado, que apresenta vários pontos de vista, e envolve diversas áreas e fatores, tais como os socioculturais, genéticos, psicodinâmicos, filosófico-existenciais, ambientais, informacionais tais como é sua ajuda na prevenção. O objetivo é discutir as abordagens sobre o tema suicídio de um ponto de vista informacional, com a finalidade de apontar as implicações da construção de informações falsas referentes às notícias sobre suicídio, assim como a importância de se abordar o tema a partir da prevenção em saúde.

De um assunto restrito, hoje, com o avanço da tecnologia, se nota uma avalanche de informações acerca do tema, porém existe grande volume de notícias falsas disseminadas via redes sociais, jornais e em filmes, com a atuação de profissionais da comunicação e outros agentes midiáticos que disseminam notícias sensacionalistas, sem responsabilidade, com a intenção de atrair o leitor e levá-lo a compartilhar informações não confiáveis. A divulgação de notícias acerca do suicídio pode influenciar outras pessoas? Qual seria a forma correta de divulgar esse tipo de informação para não causar pânico nas pessoas? As notícias falsas podem influenciar atitudes que, de alguma forma, atrapalhem a prevenção do suicídio?

2 METODOLOGIA

A metodologia para elaboração do trabalho é do tipo qualitativa, que enfatiza a natureza repleta e complexa de valores na investigação, buscando abordar soluções para questões que realcem o modo como a experiência social é elaborada e adquire significado socialmente (DENZIN; LINCOLN, 2006). De caráter exploratório, foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica a partir da compilação de trabalhos publicados em revistas, matérias da Folha de S. Paulo, livros especializados, artigos disponibilizados por um curso feito pelas autoras na área de suicidologia e em bases de dados da rede *Scielo* com idiomas em português e inglês. Procedeu-se uma leitura e análise dos artigos, elegendo como critério os assuntos relativos ao tema e mais atuais, usando palavras-chave como “suicídio e mídia” entre o ano de 2009 a 2019. Pela rede de informação *Scielo* foi apontado 15 artigos, no qual foram analisados e alguns considerados repetitivos e de baixa relevância ao conteúdo desse trabalho. A

pesquisa bibliográfica e sua compreensão baseiam-se em estudar o tema com uso de material já elaborado como livros e artigos científicos dentre outras formas de se agregar e discutir criticamente o conteúdo, e é indicada quando se pretende compreender e descrever fenômenos (DENCKER, 2005).

3 O SUICÍDIO E SUAS ABORDAGENS

De um ponto de vista científico, no século XIX o sociólogo Emile Durkheim (2002) realizou estudos comparados de estatísticas de suicídio em vários países de acordo com a época em que passavam, como grandes crises políticas, fenômenos religiosos ou guerras, e teve como conclusão que o suicídio é sim um problema sociológico, de saúde pública, e não somente individual, pois revela conteúdos sobre a condição de uma sociedade em uma época específica. Assim concluiu que os indivíduos precisam de um grupo para encontrar apoio e equilíbrio. Portanto: “O suicídio representa um afrouxamento da estrutura social, um enfraquecimento dos laços grupais, uma desintegração.” (HILLMAN, 2011, p. 41).

Atualmente no Brasil, o suicídio não é considerado crime, porém segundo o artigo 122 do Código Penal (1998) quem instiga de alguma forma o outro a se suicidar pode ter uma pena de dois a seis anos, se o suicídio foi consumado; e de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.

Do ponto de vista da teologia, na religião Católica se segue o princípio de que Deus criou a vida e essa lhe pertence, por isso não é direito de ninguém retirar a própria vida. Segundo Bertolote (2012), no século VI, a Igreja condenou o suicídio como pecado mortal, equivalente ao homicídio, e essa proibição persiste na maioria das religiões cristãs (católica romana e protestantes de diversas denominações). Em outras religiões:

A lei judaica condena o suicídio, porém o considera uma alternativa aceitável frente à ocorrência de certos pecados capitais. Contudo, até hoje, os judeus que se suicidam são enterrados à parte dos que morrem por qualquer outra causa. O hinduísmo é bastante ambíguo em relação ao suicídio, ora condenando-o, ora aceitando-o ou até mesmo promovendo-o. Para o budismo, o Primeiro Preceito é a abstenção de destruir a vida, incluindo a própria. Contudo, fiel à sua tendência de compaixão, o budismo, diferentemente de outras religiões, não condena o suicídio, mas o considera uma ação negativa, que não se coaduna com a via da iluminação, a meta do budismo (BERTOLOTE, 2012, p. 27-28).

Historicamente, as religiões construíram uma narrativa sobre o suicídio como um ato de repulsa e pecado, e para desincentivar tal decisão antigamente se utilizava como meio de prevenção propagar uma má exposição da ocorrência:

John Wesley, o primeiro reformador metodista em 1790, propôs que os corpos nus das suicidas do sexo feminino fossem arrastados pelas ruas. A profanação do cadáver é uma forma antiga de demonstrar quão hediondo é um crime. Até 1870, o principal meio dissuasório contra o suicídio no direito inglês era em relação à propriedade física do falecido ao invés de ser contra seu corpo. Confiscava-se à coroa a propriedade daqueles que praticassem suicídio em são juízo. Até 1961, o patrimônio do falecido ainda era passível de sanção no direito inglês: o seguro de vida não era pago ao beneficiário, a menos que tivesse sido previamente estipulado (HILLMAN, 2011, p. 37).

Isso explica a influência histórica sobre o que as pessoas pensam sobre o tema, ainda hoje tratado como tabu; ainda, demonstra também o quanto o tema esteve relacionado às doutrinas religiosas e distante das discussões coletivas ou de saúde pública e mental, sendo difícil para as pessoas em sofrimento psíquico se exporem e buscarem ajuda.

Na filosofia, o jornalista e filósofo Albert Camus diz ser o maior enigma dessa área, julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida. Em seu livro, *O Mito de Sísifo*, ele escreve que as pessoas vão vivendo uma vida absurda, tal qual o mito de Sísifo da Mitologia Grega, “os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.” (CAMUS, 2018, p. 127). Camus (2018) conclui que o homem vai vivendo repetições absurdas por toda sua existência, sem perceber o vazio de si com a realidade do mundo, e o suicídio aparece como uma maneira de fugir do absurdo, como um ato de revolta.

Para a psiquiatria, leva-se em conta os transtornos mentais, que são considerados como um forte fator de risco para o suicídio. (BERTOLOTE; FLEISCHMANN, *World Psychiatry*, 2002). No entanto, a Associação Brasileira de Psiquiatria (2014) relata que o suicídio não pode se relacionar apenas a transtornos mentais, pois nem todas as pessoas com doenças mentais procuram o suicídio, apenas que é um fator de risco importante.

Na área da Psicologia, se conceitua o suicídio como uma série de pensamentos e emoções que levam o indivíduo à autodestruição. Na abordagem da psicologia analítica

junguiana fundada por Carl Gustav Jung ¹, se defende a relação do suicídio simbólico que está ligado a metáfora da alma; que não leva somente em conta o sintoma e a psicopatologia, mas sim, o interno, qual a busca que o indivíduo está querendo ter com a sua própria morte? O que dentro dele precisa morrer? (BASTOS, 2009).

3.1 Efeito Contágio

Na época do Romantismo na literatura em 1774, Goethe escreveu um romance chamado “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, em que narra a história de um jovem protagonista perdidamente apaixonado por uma moça que não nutria um sentimento recíproco, motivo pelo qual o jovem se suicidou. A situação na época na Europa fez com que vários jovens repetissem o comportamento do personagem, desde usar roupas parecidas com as descritas no livro, até cometer o ato de suicídio e, diante desse efeito inesperado, começou-se a aventar a possibilidade de que os meios de comunicação poderiam vir a favorecer o incremento de suicídios (NARDI; BRIGAGÃO, 2018). Esse efeito de contágio foi chamado Efeito Werther. Isso provoca uma discussão antiga, que divide os estudiosos entre os que acreditam ou não no referido efeito. Na corrente que afirma existir o efeito contágio, têm-se os estudiosos George Colt e David Phillips (2006 apud CÔRTE, KHOURY, MUSSI, 2014, p. 254):

George Howe Colt (2006), ao observar que em diversos lugares (Dallas, Beverly Hills, Ohio) dos Estados Unidos aconteceram no mesmo período vários suicídios, como se um desencadeasse outros tantos. O sociólogo americano David Phillips, citado por Colt (2006), ao estudar suicídio por imitação, encontrou aumento de 12% nos casos dos EUA em agosto de 1962, época do suicídio altamente publicizado da atriz Marilyn Monroe; foram 197 suicídios a mais do que seria esperado em um mês normal.

Já o sociólogo Durkheim (2002) tendo seu ponto de vista voltado para a sociedade, não acredita que o suicídio seja contagioso a ponto de interferir no coletivo, e se chegar a atingir algum grau de intensidade é apenas por um período curto. Segundo ele, pode originar casos individuais mais ou menos numerosos, mas não contribui para determinar a desigualdade da propensão para o suicídio que se manifesta nas diferentes sociedades e no interior de cada sociedade.

¹ Psiquiatra e psicoterapeuta suíço, foi presidente da Associação Internacional Psicanalítica em 1910. Seus trabalhos têm sido influentes na Psiquiatria e Psicologia, no qual fundou sua própria abordagem, a Psicologia Analítica Junguiana.

Steven Stack, segue uma linha que medeia as duas correntes, porém conclui que os que são “atingidos” pelas notícias do Suicídio, já possuem uma predisposição para tal ato:

Steven Stack, um dos principais criminólogos contemporâneos, professor da Universidade Estadual de Wayne (EUA), critica os estudos sobre os suicídios imitativos por deixarem de fora grande parte da população que não se deixou influenciar pela notícia divulgada. Oferece, por sua vez, outra pergunta: o que diferencia os “influenciáveis” dos demais? Segundo Stack, aqueles que apresentam predisposição ao suicídio ou comportamentos parecidos aos do suicida são o de maior risco de suicídio (CÔRTE, KHOURY, MUSSI, 2014, p. 254).

Uma série americana adolescente de 2017 chamada “13 Reasons Why”,² mostra a vida de uma garota adolescente que se suicidou e que conta por meio de fitas de vídeo todas as razões para tal ato. Essa série teve pontos positivos e negativos na divulgação de informação sobre o suicídio. O impacto negativo ocorreu no aumento de índice de suicídios nos EUA após um mês seguinte à estreia, segundo a BBC News (2019). O criador Brian Yorkey no dia 16 de Julho de 2019, segundo o blog da Instituição Vita Alere de Prevenção e Pósvenção do Suicídio (SCAVACINI, 2019), decidiu ouvir o que os pesquisadores de suicidologia têm dito e mostrado, e editou a cena em que a adolescente comete o suicídio. O ponto positivo é que se estimulou uma discussão sobre o tema, pois a maioria dos adolescentes estavam comentando sobre a série, e isso fez com que as pessoas prestassem mais atenção. Como forma de se evitar possíveis efeitos de contágio com pessoas que tenham essa predisposição ao pensamento suicida, no Brasil foi elaborado um código de ética da mídia a respeito de publicações sobre Suicídio.

3.2 Pós-Verdade e Mídia

Hessen (1999) observa que para existir o critério de verdade, é necessário alcançarmos a certeza de que ele é verdadeiro. Porém, com o surgimento da internet, aumentou a proliferação e alcance das fake News, que são notícias falsas que buscam disseminar boatos e inverdades com informações incorretas e também “[...] motivadas por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações” (SANTAELLA, 2018); pode-se perceber que nem sempre as pessoas confirmam a veracidade da informação antes de compartilhá-la.

² Série produzida pela provedora de filmes e séries Netflix, no ano de 2017, oriunda da obra homônima e *best-seller* redigida pelo escritor norte-americano Jay Asher.

Isso tem relação estreita com um fenômeno que em 2016 foi nomeado de pós-verdade (*post-truth*) pelo Dicionário Oxford. “São crenças pessoais, irrefutáveis para muitos, ganharam força frente à lógica e aos fatos e acabaram estabelecendo-se como pressupostos compartilhados pela sociedade, provocando a desordem da opinião pública”. (LLORENTE; CUENCA, 2017).

Nas notícias acerca do suicídio, a construção de informações falsas, como as *fake News*, é um processo presente, em que muitas vezes nem os profissionais e agentes midiáticos³ que publicam e tampouco o público que compartilha a informação, têm ideia do quão perigoso e arbitrário esse ato pode ser e o que acarreta.

No Brasil, no ano de 2017, um jogo virtual ganhou destaque na mídia e foi relacionado a círculos de jovens e adolescentes, chamado o jogo da Baleia Azul, o mesmo foi iniciado na Rússia em 2016, e consistia em alguns desafios em grupos fechados de redes sociais ou *whatsapp* distribuídos por uma pessoa. De acordo com Sterz e Silva (2017), o jogo virtual faz com que os participantes cumpram 50 desafios. Sequencialmente, eles se tornam mais perigosos, inserem técnicas como a automutilação e estimulam a privação do sono, simulando etapas preparatórias para o objetivo final, o suicídio.

Porém, segundo Barros (2017) trata-se de um boato, surgido da interpretação distorcida de uma notícia antiga; a verdade, no entanto, é que nenhum caso foi ligado de fato ao jogo. O que se passou é que no período algumas notícias divulgadas sobre suicídio de adolescentes no Brasil fizeram associações com o jogo, mas não havia nenhuma evidência no corpo do texto que detalhava o ocorrido. No entanto, a população entrou em pânico, pois se acreditou nas notícias e as mesmas interferiram na reação emocional do público, que não foi em busca de fatos. Para a Organização Não-Governamental *Safernet*⁴:

[...] após a veiculação da notícia, houve uma explosão de 1.150% nas buscas a respeito do “desafio da Baleia Azul” e tópicos relacionados, como “suicídio”. Essa notícia falsa que surgiu na Rússia e chegou no Brasil de forma sensacionalista e alarmista acabou servindo de gatilho para um efeito de imitação (BOLDRINI, 2017).

³ Por profissionais entendem-se as agências de notícias, redes de rádio, jornal e televisão e sites de notícias da internet, assim como os jornalistas, e por agentes midiáticos compreendem-se pessoas com destaque em variados canais de mídia e informação, que podem ser considerados líderes de opinião sobre algum tema, tais como blogueiros, celebridades, *digital influencers*, artistas, etc.

⁴ *SaferNet* é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, se consolidou no Brasil como entidade referência no enfrentamento aos crimes e violações aos Direitos Humanos na Internet.

A partir dessas considerações nota-se nessa divulgação da mídia sobre o jogo da Baleia Azul os elementos da pós-verdade, em que as emoções e opiniões se sobrepuseram aos fatos na recepção da informação pelo público. Por isso, é importante falar sobre o suicídio em termos claros, com dados e estatísticas, evitando o sensacionalismo, com uso de abordagem adequada como uma questão de saúde, em vez de se deixar como algo velado e omissivo socialmente, pois existem as formas corretas para se abordar o tema, inclusive ao noticiar o fato. Quando o suicídio for notícia, além do risco do efeito contágio, entende-se que uma abordagem sensacionalista pode levar a um pânico social, sendo também necessário se sensibilizar pela família enlutada a fim de não causar maiores danos psicológicos, assim como realizar esforços de divulgar a informação em saúde para prevenção do suicídio no local em que o ato foi consumado, visando entender e prevenir ações futuras.

Como relatado nos episódios referentes ao livro dos Sofrimentos do Jovem Werther e a série “13 Reasons Why”, pode ser perigoso ocorrer a “romantização” do suicídio, ao se dar reforço positivo para tal ato. Da mesma forma, abordar como algo trivial, comum, não é recomendável. “Ao invés disso, quando pertinente, seria melhor relatar uma história de sofrimento e investigar a possível contribuição de um transtorno mental no desenlace fatal” (CARVALHO, J. A. et al, 2009, p. 21).

Santaella (2018) afirma que o sensacionalismo atrai as emoções humanas e que embora não seja uma invenção da internet, no âmbito da velocidade do compartilhamento de informações e da pós-verdade, é difícil diferenciar o trágico factual do trágico fantasiado. Deste modo, ao lidar com a informação para a prevenção do suicídio, existem critérios importantes para a elaboração das reportagens:

Evitar a palavra suicídio em chamadas e manchetes. Melhor incluí-la no corpo do texto; Evitar a colação da matéria em primeira página; Evitar chamadas dramáticas, ou ênfase no impacto da morte sobre as pessoas próximas; Pessoas sob o impacto do suicídio estão à procura de uma “causa” para o ocorrido e podem, nas entrevistas, transmitir sua “teoria” que coloca a culpa em algo ou alguém; Alguns entrevistados, inicialmente, poderão negar que a vítima tivesse dado sinais de que planejava se matar. Essa percepção costuma mudar com o passar do tempo; Não ficar repetindo a reportagem, nem novas matérias sobre o caso; Não fornecer detalhes do método letal nem fotos; Evitar termos valorativos, como por exemplo “cometeu” suicídio, tentou o suicídio “sem sucesso”, ou generalizante, como por exemplo “os suicidas”, ao referir-se a pessoas falecidas por suicídio; Aproveite a oportunidade para conscientizar a população sobre prevenção do suicídio (CARVALHO, J.A. et al, 2009, p.22).

Nessa cartilha escrita por CARVALHO, J.A. *et al* da Associação Brasileira de Psiquiatria (2009), recomenda para as notícias de suicídio que não sejam apresentadas de uma forma sensacionalista e alarmante, e isso inclui, em caso de programa de televisão e rádio não fazer por longa duração; quando for matéria de jornal, site da internet ou redes sociais de abordar o fato de uma forma mais discreta, em páginas pares e na parte inferior.

No caso de fotos para a reportagem, sempre entrar em contato com a família enlutada para verificar se é permitido, porém é preferível não ilustrar para não ser um destaque. Também deve-se evitar citar o local em que aconteceu, pois pode fazer com que a pessoa com predisposição ao suicídio sinta-se com mais firmeza a buscar o mesmo local.

Para construir o tema no campo da saúde, a cartilha orienta que se trabalhe a informação para a prevenção ao suicídio, e recomenda que se aborde o tema sob a ótica dos recentes avanços no tratamento referente a transtornos mentais, e o quanto esse ato pode ser evitado caso a pessoa tenha acesso e realize um tratamento de saúde adequado. Outras recomendações seguem a mesma linha de se informar sobre o tema sob o viés do enfoque em saúde e sua possível prevenção:

Histórias de pessoas para as quais a ajuda certa na hora certa evitou o suicídio; pessoas que, por estarem padecendo de um transtorno mental, tentaram o suicídio e que hoje vivem com qualidade de vida; entrevistas profissionais de saúde mental para que a questão seja retratada de forma menos individualista; Mitos e verdades sobre o suicídio; sinais de alerta de que uma pessoa está sob risco de suicídio e o que fazer para ajudá-la; estratégias de prevenção, descrevendo experiências capazes de diminuir o número de óbitos por suicídio (CARVALHO, J.A. *et al*, 2009, p.22-23).

Ainda, é importante nas informações disseminadas acrescentar se existem grupos de prevenção ao suicídio na localidade para ser adicionado ao final da notícia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio revela a fragilidade de uma sociedade, inclusive das relações humanas, sendo um problema social de ordem complexa, que envolve fatores variados e preocupação no campo de saúde mental e preventiva. As abordagens históricas sobre o suicídio mostram como é recente sua inclusão como uma questão de saúde, pois há forte herança religiosa e cultural no que se refere a seu entendimento, como crime, pecado, o que desloca o problema para o indivíduo e sua ação, e deixa de lado a abordagem em saúde pública e sua prevenção.

Atualmente o tema ganha destaque na mídia em séries de TV e notícias, nem sempre com uma abordagem adequada. Numa era de pós-verdade, em que as emoções se sobrepõem aos fatos pela ausência de debate público, tem-se o perigo da verdade se tornar irrelevante, podendo ser manipulada e divulgada sob a forma de *fake news* (SANTAELLA, 2018). Nesse cenário, se destaca a divulgação de informações acerca do suicídio, assim como o efeito contágio e o pavor que pode gerar a divulgação de informações falsas ou manipuladas.

A discussão apresentada teve como objetivo destacar a relação entre a divulgação de informação referente a notícias sobre suicídio, e como abordar o tema de forma adequada, segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria para Profissionais de Imprensa (2014). Trabalhar a informação em saúde nessa área, envolve sensibilizar os profissionais que trabalham com a disseminação de informações, trazendo uma maneira mais respeitosa ao se noticiar um suicídio, para que possam usar estratégias que contribuam na prevenção. Abordar o tema sem preconceitos ou tabus religiosos e colocá-lo como questão de saúde mental, individual e coletiva, pode colaborar para desenvolver uma maior consciência para com a humanidade e seus dilemas, e assim, construir o conhecimento acerca da prevenção ao suicídio, em vez de estimular ou compartilhar informações errôneas que causam pânico nos leitores.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicídio: Informando para prevenir**. Brasília: CFM/ABP, 2014. Disponível em: < https://www.cvv.org.br/wp-content/uploads/2017/05/suicidio_informado_para_prevenir_abp_2014.pdf>. Acesso em 30 jun 2019.

BARROS, D. M. A lenda da Baleia Azul – ou como uma notícia falsa traduz um perigo real. 11 de abril de 2017. **O Estado de São Paulo**. Disponível em: < <https://emails.estadao.com.br/blogs/daniel-martins-de-barros/a-lenda-da-baleia-azul-ou-como-uma-noticia-falsa-traduz-um-perigo-real/>> Acesso em 20 jun 2019.

BASTOS, R. L. **Suicídios, psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial**. Psicol. USP vol. 20 no.1. São Paulo Jan./Mar. 2009 ISSN 0103-6564. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-65642009000100005&script=sci_arttext&lng=pt> Acesso em 16 jun. 2019.

BBC NEWS. *'13 Reasons Why'* está ligada a aumento de suicídios entre jovens nos EUA, diz estudo do governo americano. 1 maio 2019. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48112247>> Acesso em 20 jun 2019.

BERTOLETE, J. M. **Suicídio e sua prevenção**. São Paulo: UNESP, 2012.

BERTOLETE, J. M.; FLEISCHMANN, A. Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective. *World Psychiatry*. 2002 Oct; 1(3): 181-185. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1489848/>> Acesso em 20 jun 2019.

BRASIL. CÓDIGO PENAL. 1998. Disponível em: <https://www.oas.org/juridico/mla/pt/bra/pt_bra-int-text-cp.pdf>. Acesso em 20 jun. 2019

BOLDRINI, A. Baleia azul é “fake News” que virou realidade, diz presidente da *Safernet*. **Folha de S. Paulo**. 9 set 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1882467-baleia-azul-e-fake-news-que- virou-realidade-diz-presidente-da-safernet.shtml>> Acesso em 20 jun de 2019.

CANCIAN, N. Brasil registra 11 mil casos de suicídio por ano, diz Ministério da Saúde. **Folha de S. Paulo**. 20 set. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/brasil-registra-11-mil-casos-de-suicidio-por-ano-diz-ministerio-da-saude.shtml>> Acesso em 20 jun 2018.

CAMUS, A. **O Mito de Sísifo**. São Paulo, Editora Record, 2018.

CARVALHO, J. A. et al. **Comportamento Suicida: Conhecer para Prevenir** – dirigido para profissionais de imprensa. Associação Brasileira de Psiquiatria. São Paulo, 2009.

CÔRTE, B.; KHOURY, T.; MUSSI, L. H. Suicídio de idosos e mídia: o que dizem as notícias?. **Psicologia USP**, vol. 25, n.3, setembro-dezembro, 2014, pp. 256-261. Instituto de Psicologia, São Paulo, Brasil. Disponível em < <https://www.redalyc.org/pdf/3051/305133436006.pdf>> Acesso em 16 jul 2019.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 8 Ed. São Paulo: Futura, 2005.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURKHEIM, E. **O Suicídio**. São Paulo, Editora Martin Claret, 2002.

GUERRA, A.; BARBOSA, C. **Crítica e Pós-Verdade**. In P. Guareschi, D. Amon, & A. Guerra (orgs). *Psicologia, Comunicação e Pós-Verdade* (p. 101-160). Porto Alegre, 2017.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1999.

HILLMAN, J. **Suicídio e Alma**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2011.

GOETHE, J. W. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. São Paulo, Editora Claret, 2014.

LLORENTE, J. A.; CUENCA. **A era da pós-verdade: realidade versus percepção**. São Paulo, Mattawell Gráfica e Editora, 2017.

NARDI, E. R.; BRIGAGÃO, L.R.F. 13 Reasons Why: uma análise filosófica a respeito do suicídio sob a ótica de Camus, Freud e Schopenhauer e sua abordagem pedagógica no Ensino Médio. **Revista do NeseF Filosofia e Ensino**. Curitiba, PR, 2018.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das letras, 2018.

SCAVACINI, Karen. Hoje a Netflix removeu a cena do suicídio da personagem principal da série os 13 Porquês. **Instituto Vita Alere**, São Paulo, 16 jul 2019. p.1.

STERZ, G. A.; SILVA, J. C. Depressão na Infância e na Adolescência. **Boletim EntreSIS**, Santa Cruz do Sul, v. 2., n. 1, jan/jul. 2017.